revista educação e emancipação
Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE UFMA

Saberes e Práticas Afrocentradas na Universidade: "modos de aprontar" do MAfroEduc Olùkọ́

Raimunda Nonata da Silva Machado[*], Fernanda Lopes Rodrigues[**] e Soraia Lima Ribeiro de Sousa[***]

Resumo

O presente estudo analisa as contribuições do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação Afrocentrada (MAfroEduc Olùkọ́) como modos de aprontar (Oliveira, 2024), por meios de fabulações (Deleuze; Guatarri, 1995) na/da formação docente, criadas com saberes e práticas presentes nas relações raciais e de gênero. Ancorado em fundamentos afrocentrados (Asante, 2009; Mazama, 2009) e nas proposições ontoepistêmicas interemancipatórias (Machado, 2024), adota abordagem qualitativa, com pesquisa bibliográfica e documental, a partir da análise das atividades que integram os Círculos Epistêmicos Afrocentrados (CEAfro) e das produções acadêmicas realizadas por integrantes do MAfroEduc Olùkọ́, especialmente monografias, dissertações e teses. Os resultados indicam que os CEAfros são estratégias metodológicas e políticas que tensionam os paradigmas hegemônicos de produção de conhecimento nas universidades brasileiras. A partir da experiência do grupo e suas produções, a pesquisa e a formação docente são compreendidas como processos coletivos, afetivos e curadores de aquilombamento acadêmico, que desafiam a lógica colonial ainda vigente no ensino superior e propõem novas formas de estar, saber e existir nos espaços universitários. Os modos de aprontar (Oliveira, 2024) do grupo evidenciam uma prática científica situada, sustentada na ancestralidade, na escuta sensível e na valorização das experiências afrodescendentes e negras como fundamento epistemológico. Assim, o MAfroEduc Olùkọ́ tem se constituído como coletivo acadêmico que, ao propor insurgência cognitiva nas fabulações curricularizantes, contribui na descolonização do pensamento, da formação docente e das políticas curriculares.
Palavras-chave: MAfroEduc Olùkọ́; Modos de Aprontar; Educação Intercultural.

Afrocentric Knowledges and Practices in the University: MAfroEduc Olùkọ́'s "modos de aprontar"

Abstract

This study analyzes the contributions of the Study and Research Group on Afrocentric Education (MAfroEduc Olùkọ́) as *modos de aprontar* (ways of stirring things up) (Oliveira, 2024), through *fabulations* (Deleuze & Guattari, 1995) in and of teacher education, created from knowledge and practices rooted in racial and gender relations. Anchored in afrocentric foundations (Asante, 2009; Mazama, 2009) and interemancipatory ontoepistemic propositions (Machado, 2024), it adopts a qualitative approach, with bibliographic and documentary research, analyzing the activities developed within the Afrocentric Epistemic Circles (CEAfros) and the academic productions of MAfroEduc Olùkọ́ members-especially undergraduate theses, master's dissertations, and doctoral theses. The findings indicate that the CEAfros are both methodological and political strategies that challenge hegemonic paradigms of knowledge production in Brazilian universities. Based on the group's experiences and academic outputs, research and teacher

[*] Doutora em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Docente DEII/PPGE - Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação Afrocentrada (MAfroEduc Olùkọ́/CCSO/UFMA) e Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação, Mulheres e Relações de Gênero (GEMGe). ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7754-8128. Lattes: http://lattes.cnpq.br/5162649800057919. E-mail: raimunda.nsm@ufma.br.

[**] Mestra em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Docente - Colégio Universitário - Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB/CCH/UFMA) e Coordenadora Adjunta do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação Afrocentrada (MAfroEduc Olùkọ́/CCSO/UFMA). ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5237-4918. Lattes: http://lattes.cnpq.br/3722376485880809. E-mail: fernanda.lr@ufma.com.

[***] Mestra em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Técnica em Assuntos Educacionais - Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação Afrocentrada (MAfroEduc Olùkọ́/CCSO/UFMA) e do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação, Mulheres e Relações de Gênero (GEMGe). ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4895-292X. Lattes: http://lattes.cnpq.br/7998495503398429. E-mail: soraia.lima@ufma.br.

https://doi.org/10.18764/2358-4319v19e26857 ISSN 2358-4319

education are understood as collective, affective, and healing processes of academic *quilombismo*, which resist the ongoing colonial logic in higher education and propose new ways of being, knowing, and existing in academic spaces. The group's *modos de aprontar* (Oliveira, 2024) reflect a situated scientific practice grounded in ancestry, attentive listening, and the appreciation of Afro-descendant experiences as epistemological foundations. Thus, MAfroEduc Olùkọ́ has been established as an academic collective that, by proposing cognitive insurgency through curricular fabulations, contributes to the decolonization of thought, teacher education, and curriculum policies.
Keywords: MAfroEduc Olùkọ́; *Modos de Aprontar*; Intercultural Education.

Saberes y Prácticas Afrocentradas en la Universidad: los "Modos de Aprontar" del MAfroEduc Olùkọ́

Resumen

El presente estudio analiza las contribuciones del Grupo de Estudios e Investigaciones sobre Educación Afrocentrada (MAfroEduc Olùkọ́) como *modos de aprontar* (Oliveira, 2024), a través de *fabulações* (Deleuze y Guattari, 1995) en y desde la formación docente, creadas a partir de saberes y prácticas presentes en las relaciones raciales y de género. Basado en fundamentos afrocentrados (Asante, 2009; Mazama, 2009) y en las proposiciones ontoepistémicas interemancipatorias (Machado, 2024), adopta un enfoque cualitativo, con investigación bibliográfica y documental, a partir del análisis de las actividades desarrolladas en los Círculos Epistémicos Afrocentrados (CEAfros) y de las producciones académicas realizadas por integrantes del MAfroEduc Olùkọ́, especialmente trabajos de fin de grado, maestrías y tesis doctorales. Los resultados indican que los CEAfros son estrategias metodológicas y políticas que tensionan los paradigmas hegemónicos de producción de conocimiento en las universidades brasileñas. A partir de la experiencia del grupo y sus producciones, la investigación y la formación docente son comprendidas como procesos colectivos, afectivos y curativos de aquilombamiento académico, que desafían la lógica colonial aún vigente en la educación superior y proponen nuevas formas de estar, conocer y existir en los espacios académicos. Los *modos de aprontar* (Oliveira, 2024) del grupo representan una práctica científica situada, sustentada en la ancestralidad, la escucha sensible y la valorización de las experiencias afrodescendientes y negras como fundamento epistemológico. Así, el MAfroEduc Olùkọ́ se ha constituido como un colectivo académico que, al proponer una insurgencia cognitiva en las fabulaciones curricularizantes, contribuye a la descolonización del pensamiento, de la formación docente y de las políticas curriculares.
Palabras clave: MAfroEduc Olùkọ́; *Modos de Aprontar*; Educación Intercultural.

INTRODUÇÃO

Movimentos de (re)existências negras constituem expressão viva da memória ancestral. Manifestam-se na espiritualidade, na capoeira, nas celebrações festivas, nas formas de organização comunitária quilombola e no uso tradicional de ervas para fins diversos. No enfrentamento histórico ao escravismo criminoso (Cunha Junior, 2021), esses saberes e práticas de origem africana foram conservados e reelaborados como estratégias de (re)existência e afirmação identitária nos territórios colonizados.

Nesse contexto se inscrevem os modos de aprontar (Oliveira, 2024) do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação Afrocentrada (MAfroEduc Olùkọ́), com epistemologias africanas e afro-diaspóricas no território da formação docente, criando fabulações (Deleuze; Guattari, 1995) curricularizantes a partir de saberes e práticas atravessadas por raça e gênero. Nesse ato de fabular temos diferentes maneiras criativa e política de narrar o mundo, deixando-

nos “afetar pelos encontros com a vida, com as forças que nos atravessam rotineiramente e nos arrastam para outros lugares” (Brito; Costa, 2020, p. 46).

Em sintonia com Pellejero (2008, p. 73-74), trata-se de “arrancar do silêncio uma língua” e, parafraseando Gilles Deleuze: “não é afirmar algo que não é real [...] é afirmar algo que torna as ficções hegemônicas inoperantes ou indecidíveis”. As fabulações curricularizantes são lugares de reinvenção de outros currículos que narram experiências plurais, reconfiguram os saberes e instauram práticas educativas contracoloniais, interculturais, interemancipatórias e afrocentradas, a partir de escutas sensíveis e de uma práxis de insurgência cognitiva.

No século XX, fabulações de (re)existências continuam sendo organizadas nos e com os movimentos sociais na luta e defesa da dignidade das pessoas negras, impactadas por múltiplos sistemas de produção de desigualdades sociais como gênero, sexualidade, deficiência, geração, etnia, classe. Dentre tantas fabulações entendidas como saberes e práticas de criação das (re)existências, o movimento social negro, nas últimas décadas, impulsionou a conquista de dispositivos legais importantes, como: aprovação da Lei nº 10.639/2003, Lei nº 11.645/2008; da Resolução nº 1/2024, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (DCNERER); a Resolução CNE nº 8/2012 que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (DCNEEQ), dentre outras políticas de ações afirmativas na Educação Superior, em concursos públicos.

Contudo, as universidades são instituições fabuladas na lógica moderna, colonial, patriarcal, racista que estrutura a sociedade, reelaborando e atualizando estratégias de exclusão social e disputas identitárias. Assim sendo, nos últimos dez anos, saberes e práticas têm emergido como narrativas epistêmicas da interculturalidade, por meio de pesquisas e estudos que, não apenas formulam outras e novas perguntas, mas também mobilizam novas histórias e enredos, capazes de tensionar e reequilibrar as narrativas eurocentradas e coloniais. São outros “*modos de aprontar*” (Oliveira, 2024) na produção de conhecimento a partir da ética e estética africana e afrodiapórica, bem como nas experiências de comunidades periferizadas, quilombolas, de terreiros, indígenas, camponesas, entre tantas outras.

Nas universidades, grupos de pesquisa vêm se reorientando e recentralizando (Asante, 2009) a partir de outras localizações epistêmicas para além do norte global, adotando

perspectivas interemancipatórias (Machado, 2024), interculturais, decoloniais, descoloniais e contracoloniais (Santos, 2019). Afinal, cotidianos educativos situados na colonialidade não produz vida, mas a morte dos sujeitos situados na alteridade europeia, o Outro: não europeu, não branco, não masculino etc., tornando-se essencial uma "prática cotidiana implicada com a diversidade e o caráter ecológico das existências. Capacidade de responder com vida a um sistema de mortandade" (Rufino, 2021, p. 5).

Nessa direção, a análise de saberes e práticas de reorientação ontoepistêmica, interemancipatória e afrocentrada é evidenciada na atuação do MAfroEduc Olùkọ́, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Criado em 2016, pela Prof.ª Dr.ª Raimunda Nonata da Silva Machado, o grupo surgiu a partir do projeto de pesquisa "Professoras Afrodescendentes no Magistério Superior: vozes epistêmicas". O nome MAfroEduc refere-se às mulheres afrodescendentes na educação, enquanto Olùkọ́, expressão da língua iorubá (africana), designa professora ou professor. Em nosso contexto acadêmico, MAfroEduc Olùkọ́ representa o encontro e a formação de redes de pessoas que se conectam e entrecruzam para estudar entre si, enfatizando a prática cotidiana do grupo como aquilombamento acadêmico, estudos e pesquisa voltado à produção de narrativas *interemancipatórias e afrocentradas* (Machado, 2024).

Nessa trajetória de estudos e pesquisas, destaca-se, principalmente, as vozes das professoras AfroUniversitárias (2023), que são as narradoras agentes (Asante, 2009) de seus saberes e práticas educativas interculturais e incentivam uma produção ontoepistêmica tensionadora da episteme moderna em monografias de cursos de graduação, dissertações e teses, dentre outras produções como livros, artigos em periódicos e em eventos acadêmicos, cujos temas, que problematizam a formação docente, estão no cotidiano das comunidades populares, quilombolas, quebradeiras de coco, dos terreiros de matriz africana, instigando-nos sobre a possibilidade de localizarmos vestígios de educação com saberes afrocentrados de (re)existências ladinoamefricanas (Lélia Gonzalez, 2020), no contexto da educação maranhense.

As/os participantes do MAfroEduc Olùkọ́ são, especialmente, docentes, discentes e egressas/os da graduação e pós-graduação da UFMA. Em geral, do curso de Pedagogia, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFMA) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos e Afro-brasileiros (PPGAFRO/UFMA). Também participam discentes da área

de Psicologia, História, *Design* e docentes da rede estadual e municipal das cidades de São Luís, Codó, Bacabal e Pinheiro (MA).

Este coletivo é formado, majoritariamente, por mulheres negras, e, assim como outros grupos de estudos e pesquisas, reúne-se regularmente para estudar obras e temáticas relacionadas à produção de pesquisas das/os participantes com estruturação política, pedagógica e epistêmica definida no Círculo Epistêmico Afrocentrado (CEAfro) que são seminários, *workshops*, rodas de conversa, dentre outras atividades realizadas. A compreensão dessa trajetória ontoepistêmica adota uma abordagem qualitativa, pesquisa bibliográfica e documental, a partir da análise das atividades que integram os Círculos Epistêmicos Afrocentrados (CEAfro) e das produções acadêmicas realizadas por integrantes do MAfroEduc Olùkọ́, especialmente monografias, dissertações e teses.

Dessa forma, o presente estudo analisa modos de aprontar (Oliveira, 2024) do MAfroEduc Olùkọ́, em particular, aqueles que criam fabulações (Deleuze; Guatarri, 1995) na/da formação docente com saberes e práticas das relações raciais e de gênero, destacando posicionamentos metodológicos, teóricos e epistêmicos de perspectivas intercultural, contracolonial, interemancipatória e afrocentrada, com sentidos e práticas fundamentadas nas cosmopercepções de origem africana, herdadas do ubuntuísmo, comunitarismo, oralidade, dentre outros.

Os CEAfro's como lugares de interculturalidade crítica afrocentrada na academia

Nos últimos anos, temos acompanhado o avanço do neoliberalismo nas reformas educacionais no Brasil, dentre as quais, a Resolução CNE/CP nº 002/2017 que institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC); a Lei nº 13.415/2017 que institui Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral; a Resolução CNE/CEB nº 3/2018 que atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio; e, a Resolução CNE/CP nº 2/2019 que Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica – BNC-Formação (Brasil, 2017; 2018; 2019).

O que estas políticas curriculares têm em comum? De acordo com Achile Mbembe (2018, p. 15), "[...] pretendem racionalizar o mundo a partir de lógicas empresariais." Tudo vira

mercadoria, consumo, capital, produção, desenvolvimento. A concepção de ser humano adotado é de alguém que deverá ser treinado em competências específicas. Torna-se objeto ou ser adestrado, forçados a fazerem o que o outro deseja, tornando-se pessoas "que perambulam sem saber aonde ir", incapazes de fazer sua autogestão (Santos, 2019).

No âmbito acadêmico, historicamente, pessoas negras têm sido colocadas meramente como objetos de estudo, a exemplo do que acontecia no século XIX quando médicos usavam corpos de mulheres negras escravizadas para experimentos na área de medicina - caso de Anarcha Westcott[1], bem como nas humanidades, com as pesquisas de cunho etnológicas em comunidades indígenas e de origem africana, carregadas de estereótipos e/ou com metodologias que reproduzem práticas racistas.

Nêgo Bispo (1959-2023), intelectual e líder quilombola, passou a vida defendendo e produzindo conceitos próprios do cotidiano dessas comunidades, que deveriam surgir das práticas e experiências vivenciadas pelos povos tradicionais e afro-pindorâmicos (Santos, 2023). É com essa inspiração ancestral e compromisso político que, no âmbito da UFMA, o MAfroEduc tem sido um lugar de produção e investigação de práticas educativas interculturais e de (re)existências ladino-amefricanas (Gonzalez, 2020) na formação docente.

Essa formação docente intercultural "[...] envolve diálogo com variadas formar de produção de saber que podem abarcar elementos transcendentais" (Layla César, 2020, p. 41). Na construção dessas estratégias interculturais são essenciais fabulações curricularizantes interemancipatórias (Machado, 2024) e afrocentradas (Asante, 2009) que reconfigurem o espaço ainda colonial, como são as universidades ocidentais.

Os CEAfro's constituem uma dessas estratégias interculturais e dialógicas. De um lado, enfatiza o princípio da circularidade que é um dos valores civilizatórios africanos, presente nas comunidades tradicionais. De outro, a noção de episteme acompanhada da base afrocentrada problematiza a hegemonia da ciência eurocentrada em consonância com a Lei 10.639/2003 e Resolução nº 1/2004, que estabelece a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial da rede de ensino" (Brasil, 2004).

Segundo Santos (2018, [on-line]) "A capoeira é rodando, o samba é rodando, o batuque, a gira nos terreiros de umbanda e de candomblé... Tudo para nós é rodando." Os

[1] Caso notório de jovem escrava nos Estados Unidos que era utilizada como cobaia em procedimentos médicos. Fonte: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/238046/001140305.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 19 mar. 2025.

processos de legitimação dos conhecimentos apenas de base eurocentrada, excluem contribuições relevantes presentes nas experiências, narrativas, saberes e práticas de origem africana e afrodiaspórica. Nos CEAfro's realizamos estudos que valorizam a centralidade da agência do sujeito africano (Asante, 2009), incluindo narrativas de autocrítica europeia e latino-americana. A escolha das temáticas e de referências estudadas estão sempre relacionadas com as produções acadêmicas das/os participantes, buscando construir coletivamente o seu embasamento teórico-metodológico, conforme pode ser observado no quadro 1.

Quadro 1: Realização dos CEAFRO's por período

EVENTO/PERÍODO	TEMÁTICA
I CEAfro 12/05 a 7/07/2022	Abordagens afrocentradas e descoloniais nas relações étnico-raciais, ações afirmativas e suas conexões no campo educacional.
II CEAfro 17/08 a 29/08/2022	Pedagogias Radicais do Sul: diálogo Brasil/Reino Unido/Maranhão
III CEAfro 27/04 a 26/05/2023	Indagando Saberes Afrocêntricos no Feminismo com base na obra de Lélia Gonzalez
IV CEAfro 19/08 a 18/09/2023	Práticas antirracistas na educação
V CEAfro 04/08 a 28/11/2024	Intelectuais das Áfricas
VI CEAfro 28/11 a 27/03/2025	Professoras/es afrocentristas na Educação Maranhense: Saberes e (Re)existências Ladino-Amefricanas
VII CEAfro 05/06 a 07/08/2025	Saberes e (Re)existências Ladino-Amefricanas em Frantz Fanon e Ailton Krenak

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir do site https://mafroeduc.com/event (2025)

Os CEAfro's acontecem desde 2017 com reuniões de estudos do projeto de pesquisa *Professoras Afrodescendentes no Magistério Superior: vozes epistêmicas*. De 2017 a 2021, eram chamados de **Círculos de Vozes Epistêmicas** e enfatizavam saberes, experiências e memórias das Professoras AfroUniversitárias[2] (Machado, 2023; Pereira, 2023), numa perspectiva intercultural e afrocentrada. Os estudos sobre afrocentricidade foram ampliando-se e os encontros passaram a ser nomeados como Círculo Epistêmico Afrocentrado (CEAfro). Em geral, são realizados dois CEAfros por ano, correspondendo a um por semestre letivo, conforme o calendário acadêmico da UFMA.

[2] A expressão "professoras afrouniversitárias" foi inicialmente formulada no âmbito do projeto de pesquisa *Professoras Afrodescendentes no Magistério Superior: vozes epistêmicas* (Projeto MAfroEduc Oluko), coordenado por Raimunda Machado, e consolidada na obra *Professoras Afrouniversitárias: artesãs de educação afrocentrada* (Machado, 2023). O termo designa mulheres afrodescendentes/negras docentes no ensino superior que, por meio de suas práticas pedagógicas, memórias e trajetórias, constroem formas de enfrentamento à hegemonia eurocentrada e promovem saberes afrodiaspóricos no espaço acadêmico. A autora Walquíria Costa Pereira, em sua dissertação (2023) e obra homônima (2023), adota e desenvolve essa categoria analítica em diálogo com professoras do curso LIESAFRO (UFMA), ampliando sua aplicação e aprofundamento.

Esses estudos resultaram em dois intercâmbios internacionais. O primeiro ocorreu em 2019, durante o *Workshop Higher Education And Societal Transformation: Decolonisation and Racial Equality*, realizado na Universidade de Brasília, com apresentação do artigo "*Searching for traces of epistemic resistance in brazilian universities*" (Garimpando vestígios de resistências epistêmicas em universidades brasileiras). O evento teve a participação de 34 jovens pesquisadoras/es do Brasil e do Reino Unido (17 de cada país), que debateram sobre o racismo e os processos de racialização na Educação Superior. O segundo intercâmbio aconteceu em 2022, no contexto das atividades do I e II CEAfro. O primeiro manteve o foco nas trajetórias das Professoras AfroUniversitárias, enquanto o segundo consistiu no *Workshop Building transnational solidarity in the Brazil-UK nexus: radical pedagogies from the South* (Construindo solidariedade transnacional no nexo Brasil-Reino Unido: pedagogias radicais do Sul)[3]. A iniciativa promoveu intercâmbio de saberes sobre questões étnico-raciais e afrodiaspóricas entre a Universidade de Edimburgo (Reino Unido), a Universidade Federal de Sergipe (UFS) e a Universidade Federal do Maranhão (UFMA). As atividades incluíram uma série de oficinas realizadas, em 2022, no Reino Unido e Brasil, respectivamente em Edimburgo (18 a 20 de julho), em Aracaju (22 a 25 de agosto) e São Luís (30 de agosto a 1º de setembro) compondo a programação do II CEAfro.

Toda essa indagação epistêmica afrocentrada dos CEAfro's insere-se no território da interculturalidade crítica, ao transcender fronteiras nacionais e construir solidariedades entre populações racializadas em escala global. Entre 2023 e 2025, os debates realizados nesses lugares problematizaram as condições e possibilidades (Castiano, 2016) de localização dos vestígios afrocentrados nas memórias da Educação Básica maranhense, compreendidos como expressões de (re)existências ladino-amefricanas (Gonzalez, 2020). No que se refere às condições, os estudos que aconteceram nos CEAfro's destacaram a análise das forças externas que estruturam as políticas educacionais, em especial, as reformas curriculares no âmbito da legislação e do planejamento. Quanto às possibilidades, enfatizaram-se os fundamentos teórico-epistemológicos que sustentam pedagogias descolonizadoras no contexto da formação docente.

[3] Voltado à construção de práticas pedagógicas radicais comprometidas com a justiça social e a descolonialidade. Para mais informações, visite os relatos e intervenções disponíveis nos links: <https://radicalpedagogies.sps.ed.ac.uk/pt-br> / <https://radicalpedagogies.sps.ed.ac.uk/blog/aquilombamento-transnacional-relato-de-experiencia>.

Em 2023, o tema de estudo foi “Saberes Afrocêntricos no Feminismo”, com base na obra de Lélia Gonzalez “Por um feminismo afro-latino-americano” e nas práticas antirracistas na educação. Esse percurso deu origem ao projeto de pesquisa “Professoras Afrocentristas na Educação Maranhense: Saberes e (Re)existências Ladino-Amefricanas”, realizado em parceria com a Supervisão de Modalidades Educacionais da Secretaria de Estado da Educação do Maranhão (SUPMODE/SEDUC/MA), a Universidade de Brasília (UnB) e o Ministério da Igualdade Racial (MIR).

Em 2024, os CEAfro’s centraram suas atividades neste projeto, abordando a temática “Intelectuais das Áfricas”, com foco na reorientação do conhecimento científico e na desconstrução de imagens estereotipadas sobre o continente africano. Nesse contexto, realizamos as Oficinas ODALa, cujo termo é oriundo da língua Xhosa (sul-africana) que significa aquele que cria, o mais velho, aquele que possui a capacidade de produzir, gerar, conceber o novo (Silva, 2023). Trata-se de outra fabulação curricularizante voltada ao fortalecimento de práticas educativas e investigativas interculturais e afrocentradas, vinculadas a “[...] um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos” (Asante, 2009).

Os CEAfro’s constituem-se como lugares de estudos reorientados por fundamentos *ontoepistêmicos* interemancipatórios (Machado, 2024) e afrocentrados, (Asante, 2009; Mazama, 2009), conferindo-lhes um sentido intercultural em que “[...] o conhecimento produzido deve ser libertador, dialógico e valorizar as tradições africanas na constituição de humanidades e sem a dependência silenciosa, cega e acrítica a uma episteme ocidentalizada” (Sousa, Machado, 2022, p. 3).

Portanto, temos nos CEAfros “*modos de aprontar*” (Oliveira, 2024) que dialogam com outras epistemologias, articulam memórias de (re)existência no processo formativo e investigativo, e tecem críticas às hierarquias epistêmicas coloniais, buscando a descolonização das relações sociais, dos currículos, da formação docente e das práticas educativas.

“Modos de aprontar”: prática ontoepistêmica afrocentrada no MAfroEduc Olùkọ́

O verbo *aprontar*, na norma padrão da língua portuguesa, pode significar “tornar pronto”, “acabar”, “preparar”. No entanto, para nós, maranhenses, o termo também possui um

uso informal bastante conhecido, geralmente empregado quando alguém está fazendo algo considerado inadequado, fora das normas, uma desobediência ou mesmo um afrontamento. Quando a mãe quando pergunta à criança "o que você está aprontando?", ela já sabe que não se trata de algo positivo.

Contudo, desobediência nem sempre é um erro, indisciplina ou irresponsabilidade. Pode ser uma prática de cuidado insubmisso. Nego Bispo, em seus modos e significações mostra a "imposição de denominações exógenas como instrumento de domesticação" (Santos, 2019, p. 41), logo, a fala como estratégia pode contrariar a colonialidade e suas formas de disseminar a monocultura acadêmica. Assim, a tradução de saberes ancestrais em palavras escritas, chamadas de conceitos pela academia, faz parte da "guerra das denominações: o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las" (Santos, 2023, p. 13).

Nesse jogo do colonialismo, os conhecimentos afrodiaspóricos sofreram um processo persistente de produção da indigência cultural e de inferioridade intelectual, posto que, conforme Carneiro (2023, p. 91), "[...] ao "sequestrar" a razão negra, o epistemicídio efetua uma tentativa de anular a capacidade das populações africanas e afro-diaspóricas de produzir e portar conhecimento, prestando-se à uma "razão racializada" [...]".

Esse fenômeno do epistemicídio se reelabora, preservando a intenção de negar tanto conhecimentos quanto a posição de intelectuais externos ao pensamento eurocêntrico. Assim, nossos "modos de aprontar" (Oliveira, 2024) no MAfroEduc são também reelaborados, pois, "uma educação que se faz como descolonização, passa pela emergência de desaprender do cânone. Essa desaprendizagem não perpassa pela negação de determinadas presenças e saberes, mas pelo destronamento" (Rufino, 2021, p. 24) da lógica moderna, colonial, racista e sexista.

No âmbito do MAfroEduc, os "*modos de aprontar*" (Oliveira, 2024) constituem uma metáfora para se referir às práticas de (re)existência interemancipatórias e afrocentradas. Esses modos materializam-se em ações concretas como **CEAfros**, que aglutinam estudos e pesquisas que geram produções acadêmicas (monografias, dissertações, teses) e propostas de formação docente.

Essa rede de práticas e saberes está situada na exterioridade moderna (Dussel, 2016), a partir da lógica comunitária, coletiva, ubuntísta, assentada nos valores de comunidades tradicionais africanas: de terreiros, quilombolas, ribeirinhas, quebradeiras de coco etc. Faz

ciência por entre as brechas do sistema, ampliando suas fissuras, ao tempo em que põe em prática a descolonização como "ato parido nos vazios daquilo que se arroga o único curso possível" (Rufino, 2021, p. 5). A ideia de circularidade contribui na criação de práticas colaborativas de aprendizagens permeadas pelo afroafeto que nos torna seres únicos e, ao mesmo tempo, habitados por muitas/os que nos atravessam.

São estratégias de interculturalidade crítica (Walsh, 2009) que, além de valorizar a convivência entre culturas, tensiona as hierarquias coloniais que estruturam a produção do saber, da docência e da própria universidade. Isto tem impactos sociais, pedagógicos e científicos no território da formação docente. Assim, o MAfroEduc, apronta por meio dos CEAfro's que são os lugares de fazer escuta, estudo, criação e articulação coletiva de saberes ancestrais, populares e acadêmicos. Trata-se de uma prática ontoepistêmica intercultural que reorienta o currículo, a pesquisa e a formação docente com base em fundamentos interemancipatórios (Machado, 2024) e afrocentrados (Asante, 2009; Mazama, 2009).

Essa interculturalidade crítica mostra-se potente como rasura à lógica colonial no campo acadêmico, especialmente, a partir de conhecimentos certificados, como os trabalhos de conclusão de cursos de graduação e pós-graduação desenvolvidos (ou em desenvolvimento) por pesquisadoras/es do grupo. Nesses trabalhos, sistematizamos "os principais pressupostos, conceitos, convicções, metodologias" (Mazama, 2009, p. 114) sustentados pelo paradigma afrocêntrico. Assim, os "*modos de aprontar*" (Oliveira, 2024) como expressões de insubmissão e rebeldia ganham contornos de insurgência cognitiva.

No quadro 2, apresentamos pesquisas de participantes do MAfroEduc, já defendidas ou em andamento, ao longo dos anos de constituição do grupo. A maioria das pesquisas foi orientada pela Prof.ª Dr.ª Raimunda Machado, sendo que, as exceções constam em nota de rodapé.

Quadro 2 - Trabalhos de conclusão de cursos de graduação e pós-graduação

MONOGRAFIA			
Nº	**Pesquisador/a**	**Situação**	**Título**
1	Glaucia Santana Silva Padilha	defendida em 2019	La Frontera: professoras afrodescendentes no magistério superior da UFMA.
2	Walquiria Costa Pereira	defendida em 2019	A Estrada: professoras afrodescendentes universitárias entrecruzam e entrelaçam memórias de resistências.
3	Thaynara da Costa	defendida	Carta(s) na(s) Manga(s): limites, avanços e tensões na

	Ferreira França	em 2021	escolarização afromaranhense.
4	Geovanna Cristina Garcez Cascais	defendida em 2022	Ensino Antirracista de Professoras Quilombolas da Comunidade de Juçatuba - São José de Ribamar/Maranhão.
5	Omnyrá Prazeres Farias	defendida em 2022	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência: construindo prática pedagógica antirracista no Projeto de Pedagogia da UFMA/2018.
6	Thays Coelho França	defendida em 2023	Arqueologia de Afro-Memórias no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão.
7	Renata Maranhão Caldas	defendida em 2023	Descolonizando Identidades: colonialidades na construção identitária da pessoa com deficiência e sua repercussão na educação inclusiva.
8	Guaciara de Sá Medeiros	defendida em 2024	Estudantes Negras/os do Curso de Pedagogia/UFMA: mapeando narrativas educacionais sobre ações de permanência universitária.
9	Gabriele Viana Sousa	Em andamento	Ações pedagógicas de educação antirracista e Afrocentrada na Supervisão de Modalidades e Diversidades Educacionais (SUPMODE/SEDUC).
10	Kamylla Maria dos Santos Cardoso	Em andamento	Maneiras de fazer afrocentradas nas políticas educacionais da SUPMODE: há (re)existências ladino-amefricanas?
DISSERTAÇÃO			
Nº	**Pesquisador/a**	**Situação**	**Título**
1	Simone Cristina Silva Simões	defendida em 2020	Concepções de gênero e sexualidade no curso de Pedagogia/UFMA/Codó: criando espirais de conhecimentos com o olhar discente.
2	Gláucia Santana Silva Padilha	defendida em 2021	O Afropioneirismo de mulheres na Educação Superior em São Luís do Maranhão.[4]
3	Ana Carla de Melo Almeida	defendida em 2022	Nós, voz, elas: mulheres professoras narrando suas vivências de desigualdade de gênero e raça no curso de Direito da UFMA.
4	Mariana Fernandes Brito	defendida em 2022	Uma nação se faz na cama? Corpo e sexualidade da mulher afro-brasileira.
5	Soraia Lima Ribeiro de Sousa	defendida em 2022	A África em nós: saberes ubuntu na formação inicial docente no curso de Pedagogia (UFMA/Codó).
6	Walquíria Costa Pereira	defendida em 2023	Saberes de professoras afrouniversitárias da LIESAFRO: memórias de práticas educativas afrocentradas intersubjetivas.
7	Tercília Maria da Cruz Silva	defendida em 2023	Saberes dos Cocais Maranhenses: dialogicidade e mulheres quilombolas quebradeiras de coco babaçu.
8	Fernanda Silva da Costa	defendida em 2024	Saber local e educação musical: História e obra de compositoras afrodescendentes do Maranhão.
9	Danielle Cristina dos Santos Pereira	defendida em 2024	A representação visual da mulher afrodescendente e suas (re) produções no curso de Design da UFMA.

[4] Dissertação orientada pela Profa. Dra. Diomar Mota, cuja problemática é continuidade do trabalho de Iniciação Científica e Monografia de Conclusão de Curso, desenvolvidos no MAfroEduc Olùkọ́, por meio do Projeto de Pesquisa "Professoras Afrodescendentes no Magistério Superior: vozes epistêmicas, cujos estudos estão publicados no livro "Professoras AfroUniversitárias: artesãs de educação afrocentrada, com o capítulo: Na Estrada das Professoras AfroUniversitárias: produzindo trajetória social

10	Bruna Suene Silva Moreira	defendida em 2024	Onde estão, elas, na Educação Superior? Representatividade feminina, a partir dos campi do Continente/UFMA.
11	Letícia Silva Lima	defendida em 2024	Mulher, Engenheira e Professora: As trajetórias de mulheres docentes das engenharias na Universidade Estadual do Maranhão/Campus Paulo VI.[5]
12	Andressa Barros Santos	Em andamento	Entre Andressas e Firminas: estratégias educativas de enfrentamento à pandemia construídas por mulheres afrodescendentes na casa Fanti-Ashanti/São Luís.
13	Marcos Rogério Leitão Lima	Em andamento	Mulheres professoras do Curso de Educação Física/UFMA: uma fenomenologia laboral.
14	Alyne da Silva e Silva	Em andamento	As Territorialidades de Professoras AfroUniversitárias: negociações entre múltiplas subjetividades
15	Leandra Soraya Pereira do Nascimento	Em andamento	Mulheres Negras na Docência Superior de Cursos de Estética e Cosmética em São Luís-MA.
16	Maura Luza Frazão	Em andamento	Protagonismo feminino: Escrevivências de professoras afroescritoras monçonenses.[6]
17	Victória Maria Aquino da Silva	Em andamento	Povoando Saberes: práticas de cuidado de mães de santo na educação ancestral no terreiro Ilê Ashé Ogum Sogbô.
18	Mateus Tainor Batista Everton	Em andamento	Narrativas Interemancipatórias em Educação Afrocentrada: a Lei nº 10.639/2003 na Escola UEB Elvira Pires, em Itapecuru Mirim – Maranhão.
19	Ana Caroline Silva Jansen	Em andamento	Interseccionalidade de raça e gênero na docência universitária de mulheres negras.
TESE			
Nº	**Pesquisador/a**	**Situação**	**Título**
1	Ilma Fátima de Jesus	defendida em 2024	Educação no Quilombo Piqui da Rampa, Vargem Grande, Maranhão: o olhar das professoras quilombolas.[7]
2	Clenia de Jesus Pereira dos Santos	Em andamento	Afrossaberes e percursos formativos das mulheres quilombolas quebradeiras de coco babaçu da Comunidade Pedrinhas - Itapecuru Mirim/MA.[8]
3	Fernanda Lopes Rodrigues	Em andamento	Territórios de Saberes e Memórias no Maranhão: proposta afrocentrada para o componente curricular História na Educação Escolar Quilombola.[9]
4	Antônio Higor Gusmão da Silva	Em andamento	Educação Escolar Quilombola e a Educação Física: panorama da política no contexto da prática no Estado do Maranhão.[10]
5	Soraia Lima Ribeiro de Sousa	Em andamento	Afrointelectuailidades em confluências: contranarrativas de professoras negras do

[5] Dissertação orientada pela Profa. Dra. Iran de Maria Leitão Nunes
[6] Dissertação orientada pela Profa. Dra. Maria das Dores Cardoso Frazão (PPGE/UFMA)
[7] Tese orientada pela Profa. Dra. Iran de Maria Leitão Nunes (PPGE/UFMA)
[8] Tese orientada pela Profa. Dra. Iran de Maria Leitão Nunes (PPGE/UFMA)
[9] Tese orientada pela Profa. Dra. Tatiana Raquel Reis Silva (PPGHIST/UEMA)
[10] Tese orientada pelo Prof. Dar Ângelo Rodrigo Bianchini (PPGE/UFMA)

			CCCO/UFMA.
6	Paulo de Tarso da Silva Júnior	Em andamento	De "quebrante" à "incelença": uma análise histórica e cultural acerca das práticas educativas das rezadeiras em Barão de Grajaú – Maranhão.

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir do lattes da professora Raimunda Machado e integrantes do MAfroEduc Olùkọ́ (2025).

Com essas 35 produções, destacamos a insurgência cognitiva do paradigma afrocêntrico. Afinal, o único princípio organizador, e que não pode ser negociado, é a percepção da centralidade da experiência africana (Mazama, 2009). Assim, esses conhecimentos certificados, com as contribuições do MafroEduc, especialmente, nos CEAfro's, reposicionam a história e a cultura africana no âmbito acadêmico, ao lado de outras experiências.

O MAfroEduc Olùkọ́, com seus "modos de aprontar" desde os estudos nos CEAfro's até as produções acadêmicas (monografias, dissertações, teses, artigos, livros, entre outros), enfatiza, nesses lugares, memórias de (re)existências e práticas de cuidado insubmisso, por meio de narrativas interculturais e interemancipatórias sustentadas em abordagem afrocentrada. As autoras e autores desses trabalhos contribuem nas condições e possibilidades (Castiano, 2016) de criação de uma agência acadêmica crítica às violências coloniais ao reconhecer as potencialidades dos sujeitos afrodescendentes, sua dignidade e seus lugares nas ciências e tecnologias. Sendo afrocentristas e com "seu ponto de vista centrado, tomando nossa própria história como centro; então, nos enxergamos como agentes, atores e participantes ao invés de marginalizados na periferia da experiência política ou econômica" (Asante, 2014, p. 97).

Ao centralizar conhecimentos e vivências/experiências, outrora colocados à margem e desacreditados, contribuímos na reelaboração das percepções sobre nós, nosso passado e nosso futuro. Isso permite que nossa história, identidade e cultura afrodiaspórica ocupem, então, o centro de nossa identidade (Mazama, 2009), fazendo surgir outras fabulaçãoes curricularizantes de descentramento dos projetos necropolíticos (Mbembe, 2017). Essas estratégias interculturais, como modos de aprontar, intervém na compreensão crítica de nosso lugar social, do nosso modo de fazer ciência e dialogar com as pessoas co-produtoras nessas pesquisas, considerando que:

> [...] a visão de mundo de um povo determina o que constitui problema para ele, além de como resolve seus problemas. Em resultado, a produção acadêmica afrocêntrica deve refletir a ontologia, a cosmovisão, a axiologia, a estética, e assim por diante, do povo africano: deve estar centrada em suas experiências. (Mazama, 2009, p. 123).

Na própria autocrítica europeia, especificamente em Certeau (2007), é possível entendemos que o discurso é enunciado por um sujeito plural. Somos locutoras/es de uma História coletiva, sustentada por um coletivo (a instituição social). Esse coletivo é essencial na definição da validade do discurso, por serem "detentores" de suas leis de funcionamento, habilitando ou não a enunciação do discurso. Logo, a pesquisa não é produção individual é fabricada por meio da relação com outros - os pares e ocorre em um determinado lugar social.

Os impactos sociais, pedagógicos e científicos dependem da definição das perguntas, da seleção das fontes, das análises empreendidas, da linguagem utilizada na apresentação da narrativa fabricada, bem como das expectativas de futuro subjacentes (Certeau, 2007). Nesse sentido, é o lugar social das/os pesquisadoras/es do MAfroEduc Olùkọ́ que coloca a pesquisa em seu horizonte de condições e possibilidades (Castiano, 2016) interculturais.

Dessa forma, os "modos de aprontar" no MAfroEduc não são desvios da norma. Eles são fabulações curricularizantes e seus fabricantes criam um território de interculturalidade crítica porque os CEAfro's com suas produções retroalimentam as estratégias interculturais e dialógicas nas suas práticas de invenção epistemológica e política. Assim, abrem outros modos de existência, aprendizagem e produção de sentido na universidade.

Considerações Finais – nascendo uma interculturalidade crítica nas insurgências cognitivas

Adentrar o campo acadêmico universitário (instituição social que valida ou invalida conhecimentos) representa uma tarefa árdua e, por vezes, adoecedora, sobretudo para corpos e saberes historicamente marginalizados. Nesse cenário, o MAfroEduc Olùkọ́ tensiona o projeto colonial ao apresentar outras formas de produzir ciência, outras concepções de campo de pesquisa e diferentes relações com os sujeitos de pesquisa.

Em meio às brechas institucionais, construímos práticas interculturais com insurgência cognitiva que são nossas fabulações curricularizantes pontuais, por meio de bibliografias afrocentradas e descolonizadoras utilizadas nos encontros de estudo, pesquisa e extensão (os CEAFro's organizados como oficinas, seminários, cursos, palestras, entre outras atividades). Também atuamos por meio da presença afirmativa de nossos corpos pretos nos espaços acadêmicos, ousadamente falando de nossas potências, reivindicando nossos modos de educar, existir, se conectar com o divino, vestir e lutar.

Essa insurgência cognitiva recoloca no centro a nossa história, memória e cosmovisão. Como argumenta Oliveira (2024), é fundamental reconhecer tanto pesquisadoras/es quanto os sujeitos envolvidos como intelectuais e cocriadores do conhecimento. Nossas pesquisas são ciência (e não meramente narrativa). Os parceiros de pesquisa, muitas vezes, compartilham conosco laços de vida e militância e, assim, o campo de pesquisa se torna uma roça simbólica, cultivada coletivamente com ferramentas teórico-metodológicas partilhadas com comunidades quilombolas, docentes, estudantes, mães e pais de santo.

Essa escrita desafiadora, no âmbito da lógica moderna, é comprometida com essa inteligibilidade e acessibilidade do conhecimento, ao mesmo tempo em que recusa a separação cartesiana entre teoria e prática, entre o trabalho intelectual e o manual, imposta pelo paradigma iluminista, dando lugar a gestação de modos de aprontar insurgências cognitivas. Então, ressignificamos o que é ciência, assumindo que, se o conhecimento certificado não for compreendido por quem o cocriou, ele terá falhado em sua função social. Assim, buscamos equilíbrio entre a validação institucional e a partilha horizontal do saber na formação docente e das/os pesquisadoras/es.

As metodologias adotadas no MAfroEduc Olùkọ́ expressam essa ética, por meio: a) da produção e análise de dados como processos colaborativos; b) do uso de instrumentos construídos coletivamente; c) da rejeição da entrevista individual como única técnica válida, dando lugar ao uso das Rodas de Vozes Epistêmicas Síncronas (ROVES)[11], como lugares de reflexão coletiva sobre memórias, histórias, saberes e experiências "de SER professoras AfroUniversitárias – as suas maneiras de fazer intervenções epistêmicas" (Machado, 2023) e, d) das bancas examinadoras com participação de sujeitos da pesquisa, a exemplo, dos exames de qualificação e defesa da dissertação intitulada "saberes dos cocais: alfabetização e mulheres quilombolas quebradeiras de coco babaçu", de Tercília Silva, que teve a participação da Liderança Quilombola de Laranjeiras, Diana Almeida De Oliveira. Esta é uma ciência insurgente, cultivada com os pés na roça e na escuta atenta às vozes que historicamente foram silenciadas.

[11] As Rodas de Vozes Epistêmicas Síncronas (ROVES) surgiram no contexto da pandemia ocasionada pela COVID-19. É um tipo de pesquisa qualitativa remota e emergencial caracterizada pelo encontro entre pesquisadoras/es e coparticipantes da pesquisa. Inicialmente, aconteciam online, utilizando-se de plataformas de comunicação por vídeo a exemplo do Google Meet, Google Hangouts, Skype, Zoom, dentre outras plataformas remotas. No pós-pandemia continuaram acontecendo, também na modalidade presencial.

Para nos manter vivas/os e não apenas sobreviver, buscamos vitalidade, tramando confluências (Santos, 2023), cruzando experiências e abrindo caminhos com a força da Senhora dos ventos e das trovoadas, Iansã, divindade yorubana que personifica o movimento, a transformação e a ousadia. Ela é arrebatamento, inconformismo, coragem e atrevimento. É vento e chuva. É raio e relâmpago. Às vezes, se impõe com a força de mil búfalos. Às vezes, desliza sensualmente, conquistando quase que por feitiço (Oliveira; Queiroz, 2019). Como Iansã, avançamos entre tempestades e encantamentos, demarcando espaços e ocupando lacunas no ensino, na pesquisa e na extensão, tanto na graduação quanto na pós-graduação.

Nesse contexto, o MAfroEduc Olùkọ́ propõe alternativas ontoepistêmicas fundamentadas na ancestralidade, no afeto, na coletividade e na agência negra. Compreender os seus modos de "aprontar" (Oliveira, 2024) é reconhecer que o processo investigativo é atravessado pelas subjetividades de quem pesquisa, porque ideias, valores, dores e esperanças definem as perguntas, as escolhas teórico-metodológicas e os caminhos epistemológicos escolhidos na trilha da construção de saberes.

No MAfroEduc Olùkọ́, os CEAfro's atuam não apenas como instâncias formativas, mas como territórios epistêmico-políticos, cujas vivências valorizam trocas informais e escutas, influenciando diretamente a construção do conhecimento. A formação docente, nesse contexto, configura-se como um processo contínuo de partilha, transformação e reinvenção coletiva.

Os trabalhos acadêmicos, cujos conhecimentos são certificados expressam um compromisso com uma ciência situada e comprometida com a centralidade da experiência negra. A Afrocentricidade, nesse sentido, não é um mero recurso conceitual, mas uma postura ética, política e existencial diante da desumanização histórica pelos projetos coloniais. Essa consciência de sujeitos epistêmicos cria agências de saberes críticos, não para suprimir outras abordagens teóricas, mas evidenciar as limitações das epistemologias hegemônicas em responder às demandas de um país majoritariamente negro, historicamente submetido a políticas de morte — física, psicológica, cognitiva e espiritual.

Apesar dos desafios e riscos de esvaziamento conceitual diante de sua crescente publicização, reafirma-se a potência dessa perspectiva ontoepistêmica afrocentrada nos modos de aprontar fabulações curricularizantes interculturais e interemancipatória. A educação, como

roça de cultivo árduo, nem sempre oferece colheita imediata, mas a aposta está nas condições e possibilidade de ruptura com a lógica do remendo colonial. O MAfroEduc propõe, assim, uma reinvenção radical de práticas formativas, orientadas por outros modos de ser, saber e viver.

REFERÊNCIAS

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade**: a teoria da mudança social. Tradução de Ana Monteiro-Ferreira, Ama Mizani e Ana Lúcia. Philadelphia: Afrocentricity Internacional, 2014.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. *In*: NASCIMENTO, E. L. (Org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

BRASIL. **Lei nº 13.415, de 17 de fevereiro de 2017**. Altera as Leis n º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Brasília, DF: Presidência da República, 2017. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm> Acesso em: 10 fev. 2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP 002/2017**. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica, de 22 de dezembro de 2017. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/RESOLUCAOCNE_CP222DEDEZEMBRODE2017.pdf>. Acesso em 3 mar. 2025.

BRASIL**.** Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 3, de 21 de novembro de 2018.** Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 22 nov. 2018. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=102481-rceb003-18&category_slug=novembro-2018-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 6 jun. 2025.

BRASIL**.** Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2019.** Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial de professores para a educação básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 30 dez. 2019. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=135951-rcp002-19&category_slug=dezembro-2019-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 9 jun. 2025.

BRASIL. Presidência da República. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília, DF: MEC/SEPPIR, 2004.

BRITO, Maria dos Remédios de; COSTA, Dhemersson Warly Santos. Escrita e corpo e fabulação: variações com Deleuze e Clarice Lispector. **Linha Mestra**, n.41, p.45-54, mai./ago. 2020. Disponível em: <https://www.lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/355/380>. Acesso em: 06 jun. 2025.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. *In*: CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, pp. 65-122.

CESAR, Layla Jorge T. **Educação intercultural**. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Bairros negros: ruptura epistêmica do pan-africanismo no Brasil. **Revista de Extensão da UNIVASF**, Petrolina, v. supl., n. 2, 2021. p. 71-88. Disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/extramuros/article/view/1964>. Acesso em: 09 mai. 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Revista Sociedade e Estado**. v.31, n.1, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00051.pdf>. Acesso em 3 jun. 2025.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro latino americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MACHADO, Raimunda Nonata da Silva.; SOUSA, Soraia Lima Ribeiro de. MAfroEduc Olùkọ́ e a formação docente afrocentrada: lugar de esperançar. **Revista Espaço do Currículo**, v. 15, n. 1, p.1-14, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/62866>. Acesso em: 05 mar. 2025.

MACHADO, Raimunda Nonata da Silva. (Org). **Professoras AfroUniversitárias**: artesãs de educação afrocentrada. São Luís: Viegas, 2023.

MACHADO, Raimunda Nonata da Silva. **Professoras Afrodescendentes no Magistério Superior**: vozes epistêmicas. [Relatório de Pesquisa]. São Luís, 2023.

MACHADO, Raimunda Nonata da Silva. **Professoras/es Afrocentristas na Educação Maranhense**: Saberes e (Re)existências Ladino-Amefricanas. [Projeto de Pesquisa]. São Luís, 2024.

MAZAMA, Ama. A afrocentricidade como um paradigma. *In*: NASCIMENTO, E. L. (Org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 111-128.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. In:_____. **Políticas da inimizade**. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

MBEMBE, Achile. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

OLIVEIRA, Iris Verena. Modos de aprontar na academia: escrevivências e fabulações curriculares. **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v. 29, n. 65, p. 219-240, jan./abr. 2024. Disponível em: <https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/1941/1314>. Acesso em: 8 abr. 2025

OLIVEIRA, Juliana Letícia da Silva; QUEIROZ, Isabela Saraiva de. Maternidade a partir da mitologia iorubá: Nanã, Iemanjá, Oxum e Iansã. **Revista África e Africanidades**, Ano XII, n. 32, nov./2019. Disponível em:

<https://www.africaeafricanidades.com.br/documentos/0270112019.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2024.

PEREIRA, Walquíria Costa. **Professoras AfroUniversitárias da LIESAFRO**: Entre práticas educativas afrocentradas intersubjetivas. Curitiba: CRV, 2023.

PELLEJERO, Eduardo. Literatura e Fabulação: Deleuze e a política da expressão. **Polymatheia - Revista de Filosofia**, Fortaleza, v. 4, n. 5, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/6522>. Acesso em: 6 jun. 2025.

RUFINO, Luís. **Vence-demanda**: educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Somos da terra. **PISEAGRAMA,** Belo Horizonte, n. 12, p. 44-51, ago. 2018. Disponível em: <https://piseagrama.org/artigos/somos-da-terra/>. Acesso em 19 mar. 2025.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos**: modos e significações. 2 ed. Brasília, DF: INCTI, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

WALSH, Catherine Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. *In:* CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação Intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. RJ: 7 letras, 2009, p. 12-42.

Recebido em: *Junho/202*5.
Aprovado em: *Novembro/2025*.